

A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiaticado

Circulation as a reconfiguring instance of mediatized journalism

Demétrio de Azeredo Soster

dsoster@uol.com.br

É diretor administrativo da Associação Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor) e subcoordenador do Grupo de Pesquisas Gêneros Jornalísticos da Intercom, chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul UNISC, pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC, membro pesquisador da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JORTEC) da SBPjor e do Grupo de Pesquisa Leitura, Literatura e Cognição da (UNISC).

Resumo

Observa-se, no artigo, como a instância circulação reconfigura o jornalismo midiaticado. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma nova “arquitetura comunicacional”, nas palavras de Fausto Neto (2010). Por esta visada, a circulação não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores, como sugere a existência de novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais. As reflexões são ilustradas com a análise de dois eventos. O primeiro deles envolve protestos ocorridos a partir de junho de 2013 em todo o Brasil. O segundo, ocorrido em fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia.

Palavras-chave: midiaticação, circulação, jornalismo, jornalismo midiaticado, reconfiguração.

Abstract

This study observes how circulation reconfigures mediatized journalism. Circulation is comprehended here not only as a place of passage or mechanism enabling publishing operations, but as a factor that organizes a new “communicational architecture”, in the words of Fausto Neto (2010). From this point of view, circulation does not only affect the bonds between producers and receptors, but suggests the existence of new modes of interaction between institutions, media and social actors. The reflections are illustrated by an analysis of two events. The first of them involves protests that occurred in June 2013 throughout Brazil. The second one is about a dead dolphin found on an Argentinian beach in February 2016.

Keywords: mediatization, circulation, journalism, mediatized journalism, reconfiguration.

1 Circulação como instância organizadora

Quando a tarefa é refletir sobre as processualidades do jornalismo, os olhares voltam-se usualmente para o que ocorre entre a percepção dos acontecimentos, sua apropriação pelos jornalistas, a produção de conteúdo editorial e, finalmente, a decorrente recepção/reconhecimento da matéria jornalística por parte de quem acessa os veículos. Ou seja, em direção aos longos e complexos caminhos por meio dos quais os acontecimentos sociais se transformam em relatos de natureza jornalística, à revelia de gêneros, formatos e suportes, até alcançar os leitores/ouvintes. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma

nova “arquitetura comunicacional”, nas palavras de Fausto Neto (2010).

Por esta visada, a circulação não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores, como sugere a existência de “[...] novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais” (Fausto Neto, 2010, p. 2). Insere-se, portanto, como base explicativa do jornalismo midiaticado, ou seja, aquele que é afetado pela processualidade da midiaticação, midiaticando-se (Soster, 2009). É dizer, por outras palavras, que os dispositivos, após longos e complexos processos de enunciação, realizam, por meio de seus relatos, ofertas de sentido, e estas chegam às pessoas que com eles dialogam.

Pesquisadores como Machado (2008) e Zago (2012), para ficarmos em dois, procuraram compreender a

circulação na perspectiva do ciberjornalismo. E, nesta busca, refletiram sobre os modelos tradicionais de circulação a título de revisão bibliográfica. Isso tanto em relação a) à distribuição física de exemplares, observando especificamente os impressos – “[...] a circulação é uma das áreas menos tratadas pela literatura especializada, com prejuízos para a compreensão do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)” (Machado, 2008, p. 21) –, como b) a visadas segundo as quais a circulação de informações é pensada antes como espaço gerador de potencialidades, no diálogo com Fausto Neto (2013), Ferreira (2013) e Braga (2012), que lugar de passagem por meio do qual os dispositivos dialogam.

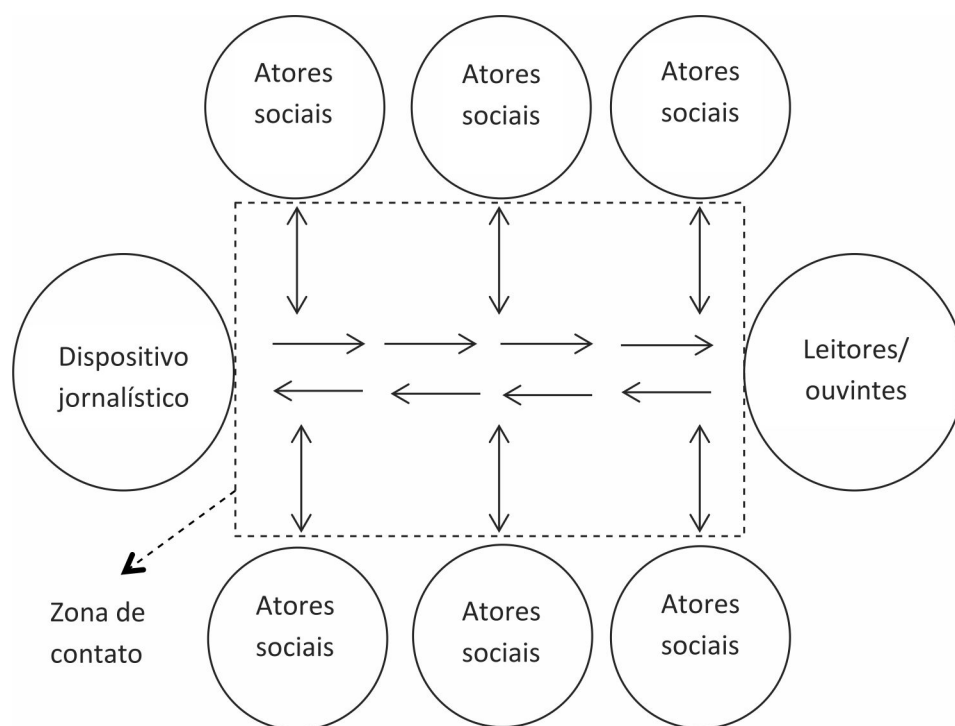
O gráfico abaixo procura ilustrar o que se está afirmando.

Nele, por meio de complexos processos de enunciação, os dispositivos jornalísticos realizam ofertas de sentido a quem com eles dialoga, relacionalmente. Quando emissão e recepção se “encontram”, instaura-se uma espécie de “zona de contato”, ou seja, uma área de processualidade

complexa, indeterminada, de fluxo informacional contínuo, não previsível, circunscrita, no gráfico, pelas linhas pontilhadas. Nela, por sua vez, as “[...] intenções de origem perdem força, pois estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e a recepção não possam mais controlá-las, bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre os discursos” (Fausto Neto, 2010, p. 9).

Esta “zona de contato” está em constante movimento e é permeável a injunções externas dos atores sociais, que podem se localizar tanto em outros sistemas como no ambiente em que os sistemas se encontram (Soster, 2016, 2015, 2015-a). É dizer, por outras palavras, que podem ser tanto pessoas que, por exemplo, tendo um celular, capturam imagens e as disponibilizam nas redes sociais, como especialistas de outras áreas que se valem de lógicas midiáticas para se manifestar. Ao se colocarem como sujeitos enunciadore, interferem em toda uma ecologia comunicativa assentada, historicamente, em modelos de oferta/procura de informações, reconfigurando lugares secularmente instituídos.

Ilustração 1: Circulação como zona de contato



Fonte: Elaboração do autor.

É possível exemplificar, de forma sucinta, o gráfico acima com dois eventos: o primeiro deles envolvendo protestos ocorridos a partir de junho de 2013, inicialmente em São Paulo e depois em todo o Brasil. O segundo, ocorrido no início do mês de fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia. Cada um a seu modo, e resguardadas as peculiaridades, os

dois acontecimentos foram reconfigurados em suas mais diversas instâncias pelo que ocorreu durante o processo de circulação das informações. Em ambos os casos, a atenção dos veículos de comunicação foi despertada por algo de pouco usual que ocorria na sociedade – os protestos nas ruas e um animal em extinção que teria sido morto por banhistas ávidos por uma fotografia. Mas, a partir do

momento em que o acontecimento se transformou em notícia, e esta foi oferecida à sociedade, a circulação gradativamente interferiu em sua forma.

Segundo retrospectiva veiculada no site do *Jornal do Brasil*¹ (Imagem 1), o movimento se iniciou como uma manifestação em São Paulo contra os reajustes nos preços das passagens dos ônibus, metrô e trens, que passaram de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Logo, mobilizou o país inteiro (Imagem 2) e teve ampla cobertura midiática.

Imagem 1: Retrospectiva JB



Fonte: Internet.

Imagem 2: Ruas são tomadas por milhares de manifestantes



Fonte: Internet.

Inicialmente, os jornais, televisões, rádios e demais veículos de comunicação se limitaram a divulgar os acontecimentos de forma referencial, ou seja, realizando a cobertura do evento, como usualmente o fazem. À medida

que as manifestações ganhavam proporções maiores e, portanto, tornavam-se mais complexas, a maneira como os dispositivos referenciavam os eventos, referindo-se a eles como resultado de ação de baderneiros, começou a ser tensionada pelo que ocorria nas ruas. Ou seja, as pessoas que assistiam aos programas que estavam sendo veiculados, ao vivo ou nos horários das grades de programação, pela mídia tradicional, começaram a reagir diante do que estava sendo dito pelos jornalistas desde as redações. Reações, favoráveis ou contrárias, sabemos, sempre ocorreram em eventos dessa natureza, mas aparentemente estas se deram de forma diferenciada porque ocorreram no momento mesmo, ou imediatamente após, em que as notícias eram veiculadas pelos veículos convencionais.

É dizer, por outras palavras, que tanto manifestantes como jornalistas tinham condições muito semelhantes de recepção e veiculação de informações. A simultaneidade está relacionada ao que, em outro momento, chamamos, ao nos referirmos à midiaticização do jornalismo, de descentralização (Soster, 2009). Ou seja, à capacidade que qualquer pessoa tem, por meios de tablets e demais dispositivos com acesso à internet, de se colocar no mesmo patamar de oferta de sentido que os veículos convencionais, no plano das gramáticas de produção, desde que tenha o que dizer. Do ponto de vista sistêmico, no exemplo analisado, e aqui com Luhmann (2009), isso acaba provocando, por meio da presença de circuitos múltiplos (Braga, 2012) na tessitura do ambiente em questão, reconfigurações as mais diversas, caso da que estamos sugerindo.

Isso nos ajuda a compreender, ainda que de forma inferencial, por exemplo por que, quando, diante das notícias e editoriais criticando as manifestações, os manifestantes começaram a se voltar contra a própria cobertura, depredando carros de veículos de comunicação e hostilizando os seus repórteres. Outro indicativo de que nosso ponto de vista tem alguma relevância é que a reação imediata da imprensa, que, até então, fora hostil aos protestos, em particular no que eles tinham de violentos, foi amenizar os comentários a respeito das manifestações de violência. Os veículos oficiais, ao se referir às badernas que estavam ocorrendo na rua, passaram a atribuir a responsabilidade pelas mesmas, agora, “a minorias”, e classificando os eventos como “pacíficos”.

É o que demonstra a Imagem 3, do G1².

1 Disponível em: <http://www.jb.com.br/retrospectiva-2013/noticias/2013/12/17/retrospectiva-manifestacoes-de-junho-agitaram-todo-o-pais/>. Acesso em: 5 de outubro de 2016.

2 Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/milhares-fazem-protesto-pacifico-mas-vandalos-depredam-em-bh.html>. Acesso em: 5 de outubro de 2016.

Imagem 3: Protestos pacíficos, apesar dos vândalos



Fonte: Internet.

Nessa direção caminha, por exemplo, matéria veiculada no site do *Portal da Imprensa*³. O texto atribui a violência à forma como os protestos foram inicialmente tratados:

O documento indica que no início dos protestos de junho, os grandes veículos de comunicação fizeram uma cobertura, em sua maioria, negativa, que destacava apenas aspectos prejudiciais como os atos de vandalismo. De acordo com a ONG, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, por exemplo, publicaram editoriais que chamavam os manifestantes de baderneiros e vândalos, além de pedir maior atuação da polícia militar, o que influenciou a massificação dos atos (2013, on-line).

Por meio deste exemplo, podemos observar o que está descrito no Gráfico 1. Algo ocorrido no âmbito da circulação não apenas interferiu nos processos de emissão e recepção, mudando tanto a forma como os eventos eram enunciados quanto a maneira como foram compreendidos, trazendo novos atores à processualidade da informação. É caso da Mídia Ninja, cujo trabalho passou a ter mais relevância a partir dos acontecimentos referidos, como sugere a matéria do site DW⁴ (Imagem 4):

3 Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/66218/relatorio+da+artigo+19+aponta+117+violacoes+contra+jornalistas+durante+protestos>. Acesso em: 5 de outubro de 2016.

4 Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ascens%C3%A3o-da-m%C3%ADdia-ninja-p%C3%B5e-em-quest%C3%A3o-imprensa-tradicional-no-brasil/a-16989948>. Acesso em: 5 de outubro de 2016.

Imagem 4: Novos atores na cobertura midiática



Fonte: Internet.

Vejamos um outro exemplo.

2 Um golfinho na praia

Um outro exemplo, mais recente, ocorrido no verão de 2016 no litoral argentino, ilustra igualmente o que estamos dizendo. A 16 de fevereiro, o site de notícias argentino *Infozona* veiculou notícia⁵ dando conta de que um golfinho morrera na praia de Santa Teresita, litoral argentino, depois que turistas, segundo o relato, o retiraram do mar para fazer *selfies* com o animal.

O texto, de caráter opinativo, informava que a afeição dos banhistas fora determinante para a morte do mamífero e que o caso viera à tona depois que um turista não apenas registrou, como disponibilizou as imagens do golfinho morto na internet por meio de redes sociais. Na tela, em destaque, a foto principal mostrava dezenas de pessoas segurando acima de suas cabeças o golfinho, seguida, ao pé da página, de quatro fotos menores e uma sexta foto, onde o corpo do cetáceo era retratado morto, sobre a areia. Ao seu lado, a mão de alguém segurando um celular.

5 Disponível em: <http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacan-del-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/>. Acesso em: 11 de junho de 2016.

Imagem 5: Golfinho aparece na praia



Fonte: Internet.

Imagem 6: Matéria do Correio Braziliense



Fonte: Internet.

Uma vez na rede, a notícia chamou a atenção dos demais dispositivos do sistema jornalístico e de outros sistemas, como os ligados ao terceiro setor, por meio de entidades vinculadas à preservação da natureza. É o caso da Fundação Vida Silvestre Argentina, que, a 16 de fevereiro, lançou relato⁶ em seu site lamentando o ocorrido e recomendando cuidado para com as espécies em extinção. Observe-se que, apesar de não ter um caráter “jornalístico”, o site valeu-se de lógicas operacionais comunicacionais, portanto midiaticadas, ampliando, desta forma, a zona de contato neste momento em processo de formação.

No dia seguinte, 17 de fevereiro de 2016, o assunto viraliza⁷ e começa a ser divulgado em sites e redes sociais, inclusive de outros países, caso dos jornais brasileiros *Correio Braziliense*⁸, de Brasília, e *Extra*, do Rio de Janeiro (imagens 6 e 7); mas, também, em emissoras de televisão, programas de rádio e veículos impressos. No caso do relato feito pelo site do *Correio Braziliense*, por exemplo, é informado que o animal “[...] foi encontrado desidratado próximo ao litoral”.

O título do *Extra*, por sua vez, afirma categoricamente que o golfinho morreu após ser retirado da água pelos banhistas, como se observa nas imagens abaixo.

Imagem 7: Matéria do jornal Extra



Fonte: Internet.

Os exemplos nos permitem observar que, no fluxo da informação, a participação de agentes “não midiáticos” – banhistas que encontram um golfinho, por exemplo –, por meio de dispositivos como smartphones e redes sociais, interfere tanto no curso dos acontecimentos como na forma com que estes são referenciados pelos veículos de comunicação em seus processos de enunciação. É o que se verifica a partir do dia 17, quando a possibilidade de o golfinho ter chegado à praia vivo é aventada pela primeira vez. Isso ocorre a partir de um vídeo⁹ produzido por um banhista e veiculado no site do jornal *Clarín*, um dos mais importantes da Argentina.

6 Disponível em: http://www.vidasilvestre.org.ar/sala_redaccion/?14420/Delfines-franciscanas-cada-uno-cuenta. Acesso em: 11 de julho de 2016.

7 Ou seja, repercute, circula sem controle pela internet. Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_viral.

8 Disponível em: http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morre-em-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml. Acesso em: 11 de julho de 2016.

9 Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html. Acesso em: 11 de julho de 2016.

Observe-se que o título se refere ao “aparecimento” do vídeo, sugerindo, em uma interpretação livre, que ele chegou à redação por meio de algum agente externo ao dispositivo. A dúvida quanto à possibilidade de o golfinho estar vivo ou não emerge na segunda linha do texto de apoio ao título: “Ainda não está claro se o cetáceo estava vivo ou morto antes de o retirarem da água”¹⁰.

Imagem 8: O golfinho estava morto ou vivo?



Fonte: Internet.

Deste ponto em diante, a hipótese de o animal ter chegado à praia efetivamente morto, contrariando a informação inicial, não apenas é assumida pelos relatos jornalísticos, como ganha força a partir do testemunho do homem que o retirou do mar, o banhista Hernán Coria, que o faz em entrevista¹¹ à tevê argentina “Telefe”.

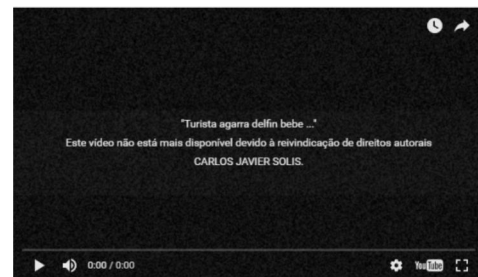
O relato traz consigo duas informações importantes: que um segundo turista havia feito a mesma revelação (sobre a morte do animal) por meio do Facebook e que o fato ficava claro em um vídeo publicado no YouTube¹² e veiculado na matéria no corpo da matéria. Ao acessá-lo, no entanto, somos informados que o mesmo não está mais disponível: “‘Turista agarra delfin bebe ...’ Este vídeo não está mais disponível devido à reivindicação de direitos autorais CARLOS JAVIER SOLIS. Desculpe.”

¹⁰ Tradução do autor.

¹¹ Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=turista-diz-que-golfinho-ja-estava-morto-ao-ser-vitima-de-selfies-video-mostra-confusao&edt=25&id=415856>. Acesso em: 11 de julho de 2016

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIQFaVYyG4>. Acesso em: 15 de julho de 2016.

Imagem 9: Vídeo bloqueado



Fonte: Internet.

É nesta “zona de contato” – no Gráfico 1 delimitada pelo quadrado central pontilhado – que a circulação se estabelece como instância reconfiguradora da atividade jornalística. A hipótese é que as ofertas de sentido que decorrem dos processos de enunciação dos dispositivos são fortemente permeadas por injunções as mais diversas, de natureza sócio-técnico-discursiva, que não apenas se interpõem no espaço de diálogo pretendido entre dispositivos e públicos-alvo, como são capazes de reconfigurar, como dito, tanto os polos de emissão e recepção como a atividade jornalística como um todo.

3 O que a circulação representa para o jornalismo

A circulação midiática, na perspectiva que estamos tratando aqui, opera igualmente como um dispositivo; portanto, nem meio e nem mensagem:

É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento observa-se um deslocamento/reescalonamento, instalando novas lógicas de classificação em contextos interacionais em que está inserido (Ferreira, 2013, p. 147).

Compreender a circulação dessa forma implica admitir que estamos diante da necessidade de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análises são antes assimétricos que simétricos, onde a linearidade dá lugar à heterogeneidade e se dissolvem, entre outras, as noções de equilíbrio e causalidade.

Os intervalos, enquanto regra naturalizada, devem ser lidos como complexa processualidade, enfeixando relações sobre as quais não se detém o controle de suas dinâmicas. A própria existência, trajetões e efeitos dos vínculos que reúnem produção e recepção, resultam do “aparelho circulatório”, enquanto efeito de suas próprias disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre quais condições se fundem as opera-

ções de sentidos. [...] no lugar da passagem automática – da produção à recepção, conforme pleiteava a “teoria das intenções” – emerge uma nova zona. Nasce das franjas das fronteiras (Fausto Neto, 2010, p. 9).

É nessa direção que caminha igualmente Braga (2012) quando salienta que pensar a circulação implica reconhecer-lhe tanto como espaço de possibilidades como de investigação.

Nessas circunstâncias, já não é tão fácil distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que uma pretendida “natureza do processo interacional” – que, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção dos papéis que uma especialização por “estrutura”. Ou seja, o exercício de diferentes ações, as assimetrias e supressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo de interação, assim como seus contextos significativos; e não uma pretendida lógica interacional no interagir (Braga, 2012, p. 40).

Observe-se que as perspectivas não são excludentes. Ou seja, compreender a circulação jornalística antes como uma zona em que gramáticas são reconfiguradas do que como percursos que se complexificam, como estamos propondo a partir de Fausto (2010), Braga (2012) e Ferreira (2013), implica considerar, na visada, as questões espaciais, ligadas ao fluxo de informações. Tem a ver, portanto, com o caminho percorrido pela informação e com as apropriações que se verificam ao longo do percurso, mas, principalmente, com a compreensão de que se trata, a circulação, de uma instância em que processos de enunciação, portanto de sentidos, têm lugar.

Semelhanças e dessemelhanças operam no escopo do sentido. Este último, por sua vez, não se restringe ao campo semântico nem se confunde com a verdade que o conhecimento científico busca estabelecer. O sentido é uma marca de limites ou de um possível, do qual não se sai. Apresenta-se como a força ou o trabalho que permite o movimento dinâmico dentro de um sistema, tanto para produzir significação como para exterminá-la. Por ser um limite insuperável, é algo que se autoengendra: ele é a sua própria condição, sem pré-requisitos formais para a sua existência. [...] O sentido está presente em qualquer lugar em que se deem diferenças, só que ele não é a diferença, mas a sua condição de possibilidade (Sodré, 2014, p. 271).

Se as enunciações provocam diferenças e as diferenças, sentidos, é porque se trata, como já se disse, de um lugar marcado por relações de natureza complexa, não lineares. É o que se observa quando atores sociais são capazes não apenas de interferir na forma de funcionamento do sistema jornalístico, sem estarem “autorizados” para tal, como se integrar a este e tomar para si responsabilidades que até há pouco eram exclusivas de dispositivos jornalísticos, alterando o fluxo dos acontecimentos.

Isso ocorreu, por exemplo, quando alguém disponibilizou, pela primeira vez, na internet, fotos e vídeo do golfinho sendo retirado da água por banhistas ávidos por fazer *selfies* com o animal. Não se trata apenas de uma mudança na forma como as informações circulam no sistema, haja vista que se trata de uma oferta de sentido feita por alguém que tomou para si o papel de emissor, sem estar legitimado, do ponto de vista institucional, para isso.

Tem-se, aqui, um movimento em que um elemento (a tecnologia) é intercalado entre o sujeito e a ação que realiza, mas também uma mudança na forma como a sociedade dialoga consigo mesma, de natureza midiaticada (Braga, 2012). É desta perspectiva que são analisados os acontecimentos.

Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas múltiplas formas – continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiaticação – o que é bem mais amplo e diversificado do que referir simplesmente o uso dos meios (Braga, 2012, p. 35).

Observe-se que a emergência de novos atores no processo de circulação de informações retirou dos dispositivos jornalísticos, em decorrência do que foi afirmado, o protagonismo das ofertas de sentido. Isso não quer dizer que eles deixam de ter capacidade de enunciação, mas que passam a dividir espaço com outras instâncias enunciativas.

Isso significa afirmar, por outras palavras, que estes, por mais de uma vez, tiveram de mudar o rumo de sua cobertura a partir da interferência, no fluxo de informações, de atores e não de dispositivos, caso dos sites noticiosos. Isso ocorreu, por exemplo, quando, depois de a notícia original estar circulando, alguém “corrige os repórteres” dizendo que o golfinho estava morto quando foi resgatado pelos banhistas.

Não será alongada esta análise, haja vista os constrangimentos espaciais. Mas deve-se observar, a título de

encerramento, que a passagem entre o acontecimento e sua midiaticização e desta para a decorrente reconfiguração da narrativa se dá pelo viés da produção discursiva, como apontou seminalmente Fausto Neto (2013). Ou seja, pela interferência da circulação na linguagem.

[...] a linguagem possibilitaria, por sua especificidade, pelo menos duas operações: a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segunda, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significativa da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade (Fausto Neto, 2013, p. 50).

Encerra-se dizendo que, a partir da a) exteriorização do dizível, mas, também, b) da geração de discursividade, têm-se condições, então, de pensar os processos de enunciação. Esse pensamento segue na perspectiva, quem sabe, da narratividade, o que implica considerar, na análise, o papel do observador nesta processualidade, desafio que convoca às próximas reflexões.

Referências

- BERGSON, Henri. 2005. *A evolução criadora*. São Paulo, Martins Fontes.
- BERTALANFFY, Ludwig von. 2013. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, Vozes.
- BRAGA, José Luiz. 2012. Circuitos versus campos sociais. In: Jader JANOTTI JÚNIOR; Maria Angela MATTOS; Nilda JACKS, *Mediatização & midiaticização*. Salvador, EDUFBA; Brasília, Compós, p. 30-52.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2013. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: J.L. BRAGA; J. FERREIRA; A. FAUSTO NETO; P.G. GOMES (org.), *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, Editora Unisinos. vol. 1, p. 43-64.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2010. As bordas da circulação. In: Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos”. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. *Anais...*, Departamento de Ciencias de la Comunicación, p. 02-17.
- FERREIRA, Jairo. 2013. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: J.L. BRAGA; J. FERREIRA; A. FAUSTO NETO; P.G. GOMES (org.), *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, Editora Unisinos. vol. 1, p. 140-155.
- LUHMANN, Niklas. 2009. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- MACHADO, E. 2008. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, **11**(2):21-37.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2010. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. Nova teoria da comunicação III – Tomo V. São Paulo, Paulus.
- MOUILLAUD, M. 1997. *O jornal da forma ao sentido*. Brasília (DF), Paralelo 15.
- RABAÇA, C.A.; BARBOSA, G. 1995. *Dicionário de comunicação*. São Paulo, Editora Ática.
- SODRÉ, Muniz. 2014. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. 2016. A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador. *Signo* (UNISC, online), **1**:154-161.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. 2015. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: A.C.R.P. TEMER; M. SANTOS (org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. Curitiba, Appris. vol. 3, p. 161-176.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. 2015-a. O quarto narrador, a morte da editora e a midiaticização das narrativas. In: 13º ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO, 2015, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Anais...*, s.p.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. 2009. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado em Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- ZAGO, Gabriela da Silva. 2012. Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. *C&S*, São Bernardo do Campo, **34**(1):249-271, jul./dez.

Artigo submetido em 03-01-2017

Aceito em 29-11-2018